

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA – DLI

EDINANDO VIEIRA REIS

**A IMAGEM DISCURSIVA DA MULHER NO CORDEL *A MULHER
QUE NÃO QUERIA SER MÃE*, DE JARID ARRAES**

ITABAIANA/SE

2018

EDINANDO VIEIRA REIS

**A IMAGEM DISCURSIVA DA MULHER NO CORDEL “A *MULHER*
QUE NÃO QUERIA SER MÃE”, DE JARID ARRAES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras Português da Universidade Federal
de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciado
em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano

ITABAIANA/SE

2018

EDINANDO VIEIRA REIS

Trabalho de conclusão de curso aprovado pelo Departamento de Letras de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe – *Campus* Professor Alberto Carvalho, em 5 de Março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Márcia Regina Pereira Curado Mariano

Universidade Federal de Sergipe

(Orientadora/Presidente da banca)

Prof^º Me. Flávio Passos Santana

Faculdades Integradas de Sergipe (FISE)

(Avaliador Externo)

AGRADECIMENTOS

- Primeiramente, fora Temer.
- Aos ex-presidentes Lula e Dilma, por terem aberto as portas das universidades aos menos favorecidos.
- À minha mãe, Terezinha, por nunca ter desistido de mim, por ter me dado o melhor que podia dar.
- Ao meu amor, meu amigo, meu parceiro, Benício, por estar ao meu lado, de mão dadas, caminhando juntos.
- A Eliezer Junior, por ter estado comigo na longa caminhada da UFS, pelos risos, pelas conversas bobas e, também, sérias... e pela amizade sincera.
- A Rafael Gomes, meu menininho.
- A Isabela Batista, pelas boas conversas e por ser uma amiga tão maravilhosa.
- A Márcia Mariano, que além de ser uma excelente professora, orientadora, é um ser humano maravilhoso.
- A Greyce, uma pessoa com um coração bom.
- À professora Jeane Nascimento, por ter me compreendido tanto.
- À professora Adriana Sacramento, por ser tão compreensiva.
- À Cia de Teatro Ocaso, à Cia 7Panos, e aos amigos que lá, fiz.
- Aos portadores de TDAH, (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), que tanto sofremos por não encontrarmos um ensino que nos incluía.
- A Lucas Melo e Maurício José, companheiros de república estudantil, com os quais dividi alegrias e, também, tristezas.
- A Ton Rodrigues, um ser humano tão fantástico que conheci no Instagram, e que virou alguém tão importante na minha vida.
- A Jhonatane, da Guatemala, que também conheci nas redes sociais, mas que virou alguém muito importante para mim.
- A Pablo, do Chile, um outro amigo que conheci em rede social, e que tem uma importância grande para mim.
- A Rosângela Costa, amiga há dez anos, pessoa pela qual sinto um carinho imenso.
- Ao poeta e amigo Di Graveto, pessoa maravilhosa.
- A Yasmin Azevedo, uma pessoa por quem cultivo um grande carinho.
- A Julieles Ramos, uma” bitxa” maravilhosa.
- A Sandro Américo, um homem sábio e bondoso.
- A Moisés Nunes, um “pequeno Gigante”.
- A Railda Santana, uma mulher “enorme”.
- A João Paulo Fonseca, companheiro e amigo das Letras.
- A Mateus Passos, um menino agradável.

Qualquer discussão cabe discussão de gênero.

VIVIANE MOSÉ

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, surgiu a partir do Projeto Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), com o plano de trabalho “A Imagem Discursiva da Mulher no Cordel Brasileiro”, no qual analisamos dois cordéis: *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*, de Manoel Monteiro; e *A mulher que não queria ser mãe*, de Jarid Arraes. Procuramos analisar o ethos da mulher em algumas estrofes das duas obras, podendo notar uma imagem discursiva estereotipada e um ethos machista, preconceituoso e discriminativo, tanto do orador, no caso do primeiro cordel, quanto da sociedade, pois, uma vez que os textos literários e não-literários trazem imagens discursivas que são construídas pelos oradores e pela sociedade, essa imagem não está ali à toa, ela é um reflexo de como essa sociedade pensa e age. Neste trabalho de TCC, retomamos a análise do cordel *A Mulher Que Não Queria Ser Mãe*, de Jarid Arraes, cordelista, escritora, mulher, negra e nordestina, que possui cordéis engajados, tratando das desigualdades sociais. Nosso objetivo será observar qual o ethos da mulher e da oradora construído no texto de uma forma mais profunda do que fizemos no PIBIC mencionado, em que apenas algumas estrofes foram analisadas. Como aporte teórico, para a origem do gênero cordel, iremos nos apoiar em Luciano (2012) e Terra (1983); já para nos aprofundarmos nos conceitos de ethos, retórica, falácias e figuras de argumentação, utilizamos Amossy (2005), Aristóteles (2011) e Ferreira (2010); e para entendermos a questão histórica do machismo e feminismo nos fundamentaremos em Barsted (2011) e Bourdieu (2010). Com isso, observaremos, através do discurso do cordel, se a sociedade ainda tem um ethos machista, preconceituoso e discriminativo, pois se o orador (no caso, do cordel) mostra discursos nos quais a mulher é tida como inferior ao homem, é porque essa sociedade compactua desse mesmo pensamento, e se há o discurso feminista, é porque existe o discurso machista, já que para a retórica, esses discursos se contrapõem.

PALAVRAS CHAVE: Argumentação; ethos; feminismo; literatura de cordel; retórica.

RESUMEN

Este trabajo de Conclusión de Curso, TCC, surgió a partir del Proyecto Institucional de Iniciación Científica (PIBIC), con el plan de trabajo A Imagem Discursiva da Mulher no Cordel Brasileiro, en el cuál analizamos dos cordeles: “*A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*”, de Manoel Monteiro; y “*A mulher que não queria ser mãe*”, de Jarid Arraes. Buscamos analizar el ethos de la mujer en algunas estrofas de las dos obras, pudiendo notar una imagen discursiva estereotipada y un ethos machista, prejuicioso y discriminatorio, del orador, en el primer cordel, y de la sociedad, pues los textos literarios y no literarios traen imágenes discursivas que son construidas por los oradores y por la sociedad, esa imagen no está allí en vano, es un reflejo de cómo esa sociedad piensa y actúa. Así, analizaremos, en este proyecto de TCC, el cordel “A mulher que não queria ser mãe”, de Jarid Arraes, cordelista, escritora, mujer, negra y nordestina, que posee cordeles comprometidos, tratando de las desigualdades sociales. Nuestro objetivo será observar cuál es el ethos de la mujer y de la oradora construido en el texto de una manera más de lo que hicimos en el PIBIC mencionado, en que solo se analizaron algunas estrofas. Como aporte teórico, para el origen del género cordel, nos apoyamos en Luciano (2012) y Terra (1983); ya para profundizarnos en los conceptos de ethos, retórica, falacias y figuras de argumentación, utilizamos Amossy (2005), Aristóteles (2011) y Ferreira (2010); y para entender la cuestión histórica del machismo y del feminismo nos fundamentaremos en Barsted (2011) y Bourdieu (2010). Con eso, observaremos, a través del discurso del cordel, si la sociedad todavía tiene un ethos machista, prejuicioso y discriminatorio, pues si el orador (en el caso del cordel) muestra discursos en los que la mujer es considerada inferior al hombre, es porque esa sociedad comparte de ese mismo pensamiento, y si hay el discurso feminista, es porque existe el discurso machista, ya que para la retórica, esos discursos se contraponen.

PALABRAS CLAVE: Argumentación; ethos; feminismo; literatura de cordel; retórica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
1.1 Algumas Considerações Sobre o Cordel	9
1.2 Guerra De Gêneros	11
1.2.1 O Movimento Feminista e a Mulher na Sociedade Brasileira	12
1.3 Origem da Retórica	16
1.3.1 Conceito de Retórica, Ethos, Pathos e Logos	19
1.3.2 Estereotipagem e Construção de uma Imagem de Si	24
1.3.3 Preconceito, Estereótipo e Discriminação	25
2. ANÁLISE: O ETHOS MACHISTA E O ETHOS FEMINISTA NO CORDEL	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXO	36

INTRODUÇÃO

Os textos literários e não-literários trazem imagens discursivas que são construídas pelos oradores e pela sociedade, essas imagens não estão ali à toa, elas são um reflexo de como essa sociedade pensa e age. Isso não é diferente no gênero literário Cordel, que, por se tratar de um gênero popular, de muito fácil acesso, requer uma atenção maior. Por isso, faz-se necessário observar atentamente e discutir sobre a imagem dada à mulher nesses textos, pois se alguns cordéis põem a mulher como inferior ao homem, é porque esse pensamento faz parte da nossa cultura, que é fruto da história e reflete valores sociais de uma dada época. Além disso, corre-se o risco desses textos de fácil acesso ajudarem a propagar o preconceito, “opinião (antecipada) que pode levar à intolerância” Leite (2008), pois sabemos que tanto os preconceitos quanto os estereótipos são disseminados por meio dos discursos.

Teremos, então, como objetivo geral, analisar a construção do ethos da mulher no cordel *A mulher que não queria ser mãe*, de Jarid Arraes, bem como o ethos da própria autora. O conhecimento dos estudos retóricos servirá para observar essas construções, a importância e a influência do gênero literário cordel nos discursos em circulação, fazendo uma contextualização do papel da mulher na sociedade, observando também a influência negativa da discriminação, do preconceito e do estereótipo.

Esse cordel possui um discurso feminista, ele diverge do machista, sendo assim, polêmico, isto é, quando há uma discordância entre grupos /discursos (FERREIRA, 2010). De um lado, temos o discurso dominante (machista), que, segundo o mesmo autor, é aquele que molda o viver em sociedade e que tem uma relação com “o discurso autoritário (que vem de leis, dogmas, os livros científicos que regem a vida em sociedade, as crenças, os valores), já vem assegurado no plano persuasivo.” (FERREIRA, 2010, p. 96.). Se o orador e o auditório vão contra o discurso dominante, surge o discurso instituinte, que é fundamental, pois essa discussão modela conceitos sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado, etc. Isso é, por exemplo, o que ocorre quando uma pessoa que não é machista se depara com esse tipo de discurso. É neste caso que se encaixa o discurso feminista.

Para darmos conta da análise desses discursos e da imagem discursiva da mulher presente no cordel selecionado, retomaremos neste trabalho o conceito de ethos. Conforme Ferreira (2010, p. 90), o ethos é a imagem que o orador constrói de si e dos

outros no interior do seu discurso a partir da imagem que ele faz também de seu auditório (pathos). Portanto, quando o orador emite um discurso machista, pressupomos que ele imagine (ou saiba) que o seu auditório seja machista. Por outro lado, se existe uma escritora de cordel feminista, é porque ela também imagina que tenha público para sua obra.

Há também o ethos prévio que, por ser prévio, tem uma visão estereotipada desse ethos discursivo. Assim, antecedentes morais e éticos formariam a imagem antecipada pelo auditório. Portanto, pode trazer uma facilidade entre o acordo do orador com o seu auditório, por outro lado, também pode dificultar.

Uma mulher, por exemplo, por trás de si traz toda uma existência ligada à submissão na sociedade patriarcal. Não poderia, então, a não ser pelo ato retórico, mesmo que moderna e emancipada, se livrar do peso histórico desse ethos prévio do feminino. (FERREIRA, 2010, p. 91).

No sentido estrito do termo, o estereótipo pode ser definido como uma representação ou uma imagem coletiva simplificada e cristalizada dos seres e das coisas que herdamos de nossa cultura e que determinam nossas atitudes e comportamentos. Considerado tanto uma crença como uma opinião comum, ele é resultado sempre do pré-construído e aparece frequentemente como um preconceito. (AMOSSY, 2005, p.121)

Tendo em vista essas considerações iniciais, passamos ao desenvolvimento do nosso trabalho refletindo, inicialmente, sobre a literatura de cordel, a partir de Luciano (2012) e Terra (1983); os discursos machistas e feministas a partir de Barsted (2011). Para adentrarmos mais profundamente na retórica e no conceito de ethos, passamos a Ferreira (2010). Finalmente, apresentamos a análise e nossas considerações finais, na expectativa de que este nosso trabalho colabore para a compreensão mais ampla dos discursos presentes nos textos e para a desnaturalização do discurso machista.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Algumas considerações sobre o cordel

A imagem estereotipada e preconceituosa da mulher, que aparece em outros textos como músicas, está presente, também, na literatura de cordel. Essa literatura, de acordo

com Ruth Terra (1983), surgiu com a libertação dos escravos, no final do século XIX, quando o trabalho nos canaviais passou a ser feito por homens de baixa renda, repercutindo, assim, na autorrepresentação dessas pessoas, outrora com ocupações ligadas à economia do açúcar. A região Agreste e o Sertão, que possuíam uma economia ligada à subsistência e à pecuária, introduziram a cultura do café e algodão. Essas novas culturas trouxeram posses aos proprietários, gerando miséria à parte da população. No período em que há um rebaixamento nas condições de vida das classes populares e o início do trabalho assalariado, há o rompimento de alguns costumes e valores que tinham por base vínculos tradicionais de domínio criados numa rede de serviços e favores. Essa nova realidade, então, passa a ser retratada em folhetos, por homens pobres ligados àquele convívio; retratavam, por exemplo, a fome, a seca, a miséria e a exclusão social.

Ainda para a autora, em 1893, dá-se início à literatura popular impressa do Nordeste, quando o poeta Leandro Gomes de Barros começa a publicar os seus escritos em folhetos. Logo, alguns outros poetas seguem o seu caminho: em 1902, Francisco das Chagas Batista; em 1908, João Martins de Athayde. Entretanto, no início desse século, a população nordestina era, em sua maioria, de analfabetos. Mesmo assim, o folheto tinha grande alcance a esse público, pois além de serem recitados em saraus e, desta maneira, assimilados por esses ouvintes, eles eram vendidos, o que se leva a acreditar que, mesmo sem saber ler, esse público adquiria os folhetos.

Segundo Luciano (2012), os cordelistas devem ser mencionados tais quais os poetas clássicos da nossa literatura, pois na medida em que não são citados, ficam como “inferiores” em relação a esses outros poetas. Ele também acredita que o cordel não deve ser estudado como uma literatura popular e/ou folclórica, mas sim como literatura brasileira e, assim, posto no mesmo patamar que esta.

Contra-pondo-se à Ruth Terra, o autor afirma que se vem reproduzindo uma sucessão de falhas no que se refere às pesquisas acerca dos cordéis, como a concepção de que eles têm origem na Península Ibérica, tendo isso uma influência na escolha desse nome (cordel). Para ele, é no século XVII, nos escritos do pesquisador Teófilo Braga, que surge o termo cordel, referindo-se aos cordéis impressos que, na época, eram difundidos em Portugal e, a partir deles, alguns pesquisadores brasileiros começam a fazer a comparação entre o folheto brasileiro e português. O autor acredita que eles não se assemelham tanto, pelo contrário, há mais divergência do que semelhança entre ambos, pois tratam de fenômenos distintos.

Vistas algumas características do cordel, passemos a pensar no discurso feminista, encontrado em nosso *corpus*, e no machista, oposto a ele.

1.2 Guerra de gêneros

Segundo o Dicionário online de português,¹ o machismo é a “Opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres. Característica, comportamento ou particularidade de macho; macheza. Demonstração exagerada de valentia.”

Já de acordo com Pierre Bourdieu (2010), em *A Dominação Masculina*, o machismo tem uma explicação bem complexa. Para entender como se dá o machismo, é preciso saber que ele advém da construção dos corpos (da mulher e do homem), ou seja, os corpos são constituídos como uma realidade sexuada, trazendo uma divisão sexualizante. A diferença biológica entre os dois corpos (mulher e homem) é utilizada como uma forma, digamos, natural para justificar essa diferença socialmente construída entre os gêneros. Por exemplo, a virilidade é uma questão de honra para o “macho” (homem), que, muitas vezes, precisa dar provas de potência sexual, como se para ser homem, ele necessitasse ser uma “máquina de sexo”. Se essa relação do sexo se mostra como uma relação social de dominação, é porque se fundamenta no fato de que o masculino está associado ao ativo, no sentido do mandar, já o feminino se associa à passividade, ou seja, quem obedece. Entretanto, essa justificativa de que o corpo (o sexo) define quem é superior é bem anacrônica, e apenas contribui para que o machismo não seja desmistificado, pois não somos tão-somente ‘corpos’.

Ao homem, associam-se, normalmente, as atividades produtivas e reprodutivas, como se somente ele fosse o responsável pelo trabalho que mantém o sustento da família e, a ele, fosse incumbido o papel de praticar o ato sexual, não tendo nenhuma responsabilidade por cuidar dos seus filhos ou fazer tarefas domésticas.

Segundo As Nações Unidas no Brasil², no país há uma taxa de feminicídios (perseguição e morte intencional de pessoas do sexo feminino) de 4,8 para cada 100 mil

¹ <https://www.dicio.com.br/machismo/>

² <https://nacoesunidas.org/onu-femicidios-brasil-quito-maior-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>

mulheres - de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a quinta maior no mundo. Em 2015, o Mapa da Violência sobre homicídios entre o público feminino mostra que, em 10 anos, de 2003 a 2013, houve um crescimento de 54%, no assassinato de mulheres negras, passando de 1.864 para 2.875³.

Nessa mesma década, teve um aumento de 190,9% na vitimização de negras, índice que resulta da relação entre as taxas de mortalidade branca e negra. No mesmo período, a quantidade anual de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%, saindo de 1.747 em 2003 para 1.576 em 2013. Nos feminicídios registrados em 2013, 33,2% dos homicidas eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas.

Em uma entrevista ao site Uai⁴, a filósofa e psicanalista Viviane Mosé diz o seguinte: “o homem moderno é um homem em conflito”. Segundo ela, houve uma quebra da identidade do homem tradicional, uma mudança no modelo patriarcal para uma realidade em que as mulheres são cada vez mais protagonistas em diversas áreas. Se comparado com décadas atrás, houve uma enorme mudança, embora ainda seja necessário mudar bastantes atitudes. Há uma parcela que não aceita perder as suas regalias, isso é notável nos discursos de alguns conservadores, defensores da família tradicional brasileira, fanáticos religiosos, etc.

1.2.1 O Movimento Feminista e a mulher na sociedade brasileira

Segundo Barsted (2011), há três grandes momentos na história do movimento feminista no Brasil: o primeiro teve como motivação reivindicações por direitos democráticos: o voto, o divórcio, a educação e o trabalho, no fim do século XIX. No fim da década de 1960, houve o segundo movimento, impulsionado pelo direito ao uso de contraceptivos e atuou como uma libertação sexual. O terceiro se iniciou no final da década de 70, com a luta de cunho sindical.

³ http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf

⁴ <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/01/25/noticias-saude,200815/machismo-sobrevive-no-homem-esfacelado-do-seculo-xxi.shtml>

Mas, esses movimentos só ganharam mais força no final do século XVIII e começo do XIX, quando houve uma organização por parte das brasileiras em busca de espaço na área da educação e do trabalho. Fez parte desse movimento a criadora da primeira escola para mulheres e, também, ativista, Nísia Floresta. Em 1934, um ano depois de ter conquistado o direito ao voto, Carlota Pereira se torna a primeira deputada brasileira. Entretanto, esses movimentos foram afetados com a ditadura de 1964.

Na década de 70, é aprovada uma antiga reivindicação do movimento, a lei do divórcio. Nos anos 80, as feministas embarcam na luta contra a violência contra as mulheres. Em 1985, é criado o (CNDM) Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, objetivando eliminar a discriminação e ampliar a participação das mulheres nas políticas públicas, nas atividades econômicas e culturais.

É notável que ao longo desses séculos as mulheres conquistaram, com muitas lutas, alguns direitos, mas que ainda há um longo caminho a ser percorrido, para que haja, de fato, a tão sonhada e esperada igualdade de gênero.

Nos dias atuais, o movimento feminista no país levanta as seguintes bandeiras: luta contra a violência doméstica, que tem um número bastante elevado no país e luta contra a discriminação no trabalho, relevância ao estudo sobre o gênero e da contribuição, tão esquecida, dada pelas mulheres nos movimentos históricos e culturais do Brasil.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID⁵ - mostra, em estudo recente, que embora haja um recente crescimento econômico e, também, das políticas que têm como objetivo a diminuição das desigualdades, ainda há diferenças salariais em relação ao gênero e à etnia nos países latino-americanos.

O Brasil é um desses países que mais apresenta discrepância salarial. Os homens ganham em média 30% a mais que as mulheres com a mesma idade e nível de instrução. Essa porcentagem também é a mesma em relação à diferença por etnia, ainda de acordo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

O BID traz em seu documento orientações para que esses países latino-americanos diminuam essa disparidade salarial. Espera-se, por parte do governo, a implantação de políticas que aumentem o nível educacional da população minoritária, como também o aumento do número de creches, permitindo que as mulheres possam se dedicar mais à sua vida profissional. No que se refere ao âmbito da família, é esperado que haja uma divisão

⁵ http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf

mais igualitária nas tarefas e que os pais participem mais ativamente da criação dos seus filhos, o que possibilitará que as mulheres se dediquem mais às suas carreiras profissionais.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 é um grande marco político-institucional e jurídico, a qual reordenou todo o sistema do país, impondo que houvesse a adequação de todas as normas legais aos parâmetros dos direitos humanos. Paralelamente, o ciclo das Conferências Internacionais das Nações Unidas deu um fortalecimento à luta dos movimentos sociais, em especial, às lutas dos movimentos de mulheres.

Nessa mesma década, movimentos das organizações não-governamentais ligadas ao feminismo se articularam e se mobilizaram internacional e nacionalmente para efetivar políticas públicas que enfrentassem as tão arraigadas desigualdades, tais quais, as de gênero, as sociais, as regionais e, também, as étnico-raciais, que afetam o exercício de cidadania por parte das mulheres.

Em 2000, houve a continuidade desse processo de luta. Houve uma ampliação no avanço legislativo, organizações feministas e movimentos das mulheres, mais especificamente, após a 1ª Conferência Nacional de Políticas para as mulheres foi incluído um conjunto de demandas em documentos e planos governamentais.

Foi criada, em 2002, a Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, renomeada posteriormente de Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), mas que perde o status de ministério e passa a ser subordinada ao Ministério da Justiça e da Cidadania em 2016, pelo então presidente interino, Michel Temer (PMDB). Em 2006 foi aprovada a Lei 11.340, mais conhecida como a Lei Maria da Penha, que visa à garantia de uma vida livre de violência às mulheres. Entretanto, embora tenha havido avanços, o Sistema precisa melhorar ainda mais a situação das mulheres mais pobres, rurais, negras e indígenas. Ainda que haja a proteção do Estado, por outro lado, há grandes influências das tradições culturais, que ditam regras ao tratamento dado às mulheres.

De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral⁶, no âmbito do Poder Legislativo Federal, era de apenas 6% a representatividade das mulheres na Câmara dos Deputados em 1995 e 1998, de 513 deputados. Em 2002, esse número aumentou para 8,19%. Já no

⁶ <http://www.politize.com.br/crime-de-responsabilidade-dilma-argumentos/>

ano de 2010, houve 930 candidatas à Câmara dos Deputados, mas apenas 45 mulheres foram eleitas, correspondendo a 8,77% dos 513 deputados.

No contexto político, foi eleita, em 2010, a primeira presidenta mulher no Brasil, Dilma Rousseff, a qual nomeou nove mulheres como ministras, priorizando o empoderamento econômico das mulheres e o combate à violência relacionada ao gênero. Infelizmente, dois anos após assumir o seu segundo mandato, a presidenta Dilma Rousseff (PT) sofreu um *impeachment*. Desde março de 2015 vinham sendo feitas denúncias por crime de responsabilidade contra Dilma. Dentre elas, está a denúncia de pedaladas fiscais, ou seja, operações ilegais de crédito, aceita em dezembro de 2015 pelo, então, presidente da câmara dos deputados, Eduardo Cunha, hoje cassado. Sabemos, no entanto, que isso foi uma jogada de Cunha, pois queria que o foco do momento fosse a, então, presidenta, já que ele estava sendo acusado de desviar bilhões dos cofres públicos.

No dia 31 de agosto de 2016, o Senado Federal aprovou por 61 a 20 o afastamento definitivo da presidenta eleita pelo povo com 54,5 milhões. Com isso, Michel Temer (PMDB) assume a Presidência.

Segundo a senadora Gleisi Hoffmann (PT- PR)⁷, a misoginia (preconceito, aversão às mulheres) está por detrás do *impeachment* que, para ela e milhões de brasileiros, não passa de um golpe contra a democracia, apoiado pela grande mídia nacional, que não tem compromisso com a verdade. Ela afirmou ainda que a presidenta não tem nenhum crime de responsabilidade.

Sabemos que desde que assumiu a presidência em 2010, a, então presidenta, Dilma Rousseff, vinha sofrendo com o machismo nas redes sociais, principalmente, no Facebook. Isso só reafirma a tese de que a misoginia está por detrás do *impeachment*, tido como golpe por milhões de brasileiros e também fora do país.

Reforçando todo esse machismo tratado até agora, veremos uma análise do ethos da mulher na música popular brasileira, feita por Trepiccio (2009), a qual reafirma ainda mais que esse machismo faz parte do dia a dia, já que esse discurso é um reflexo do ethos do orador e do pathos de seu auditório.

⁷ <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,impeachment-e-aprovado-no-senado-e-dilma-e-cassada,10000073183>

Para Trepiccio (2009), o preconceito instaurado contra as loiras na nossa sociedade é minimizado nas músicas populares, pois há predominância de um ethos positivo. A mulher, não somente a loira, já sofria preconceito desde o princípio da humanidade. De acordo com a bíblia, Eva precisava ser submissa a Adão, já que ele era o homem. Hoje, muitas coisas mudaram, mas, mesmo assim, há quem use esse livro (a bíblia) para justificar o seu preconceito e discriminação contra a mulher, achando que ela precisa obedecer ao homem, apenas porque em muitas passagens dele (do livro) ela aparece submissa.

Não se sabe como começou, mas hoje em dia ouvimos inúmeras piadas de loiras, que são tidas como “burras”. O preconceito que a loira sofre, assim como o preconceito em geral e o machismo são um produto social e cultural. Cultura, do ponto de vista sociocognitivo, é entendida como um conjunto de conhecimentos sociais, como forma de avaliação sobre o mundo. Há uma troca entre o social e o individual, ou seja, um sempre influencia o outro. A cultura também é fruto da história, refletindo, assim, valores sociais de uma dada época.

Assim, acredita-se que o preconceito, “opinião (antecipada) que pode levar à intolerância” (LEITE, 2008, p. 20), é disseminado por meio dos discursos sociais. Por exemplo, a música popular de massa ajuda a propagar o preconceito, já que é de fácil acesso e é um disseminador de valores e visões de mundo.

Na sua pesquisa, Trepiccio (2009) identifica para a mulher os ethé “fatal”, “burra”, “delicada”, “encantadora”, “golpista”, e “desejada”. Segundo a autora, o orador tenta sempre adequar o seu discurso ao contexto social e cultural em que esse ouvinte se insere. Assim, uma letra de música reflete crenças e valores, dirigindo-se a um auditório específico, tanto em termos mercadológicos quanto textuais.

Por exemplo, na música intitulada *O que ela tem que eu não tenho?*, a loira aparece como horrorosa. Na música *Loira Fatal*, ela é “linda”, “sensual”, “musa”, “fatal”, “estrutural”, “angelical”, liberal” (TREPICCIO, 2009, p. 42). Em *Soneto das Loiras* (p. 50), ela aparece como “altas”, “baixas”, “falsas”, “verdadeiras”, “discretas”, “educadas”, “descuidadas”, “coitadas”, “lindas”, “saradas” e “amantes”. Já na canção *Loirinha do Pagode* (p. 53), a loira é “linda”, “gatinha”, “perfumada”, “bronzada”, “maravilhosa” e “gostosa”.

1.3 Origem da Retórica

De acordo com Reboul (1998), não foi em Atenas que surgiu a Retórica, mas sim, na Sicília grega, por volta de 465, após os tiranos serem expulsos. Não tendo uma origem literária, mas sim judiciária. As pessoas que foram despojadas pelos tiranos reivindicaram os seus bens, gerando vários enfrentamentos judiciais. Na época, não existiam advogados, por isso se fazia necessário dar a cada uma das partes envolvidas no processo um meio para defender a sua causa. Assim, Córax, discípulo do filósofo Empédocles, e o seu próprio discípulo, Tísias, publicaram uma “arte oratória” (*tekhén rhetoriké*), uma coletânea de preceitos práticos, contendo exemplos para o uso dos cidadãos que recorressem à justiça. Então, Córax cria a primeira definição de retórica: “criadora de persuasão”. E Atenas, que possuía estreitos laços e até processos com a Sicília, adotou logo a retórica.

Já que não existiam advogados, os litigantes recorriam a uma espécie de escrivão público, os lógrafos, que redigiam as queixas as quais eles só tinham de ler diante dos tribunais. Sua retórica argumenta a partir do verossímil, não do verdadeiro, pois se se conhecesse a verdade no âmbito judiciário, não haveria mais esse âmbito, reduzindo os tribunais a câmaras de registros. Mas, o problema para os gregos (e para nós) é que as causas más necessitam dos melhores advogados, visto que quanto maior a causa, maior o recurso à retórica. Desta forma, Córax é considerado o inventor do argumento, recebendo o seu nome, o Córax, que deve ajudar os defensores das piores causas.

Já com Górgias, surge uma nova fonte de retórica: estética e literária. Górgias nasceu por volta de 485, também discípulo de Empédocles, indo para Atenas em 427, em uma embaixada. Lá, a sua eloquência encantou os atenienses, tanto que ele teve que lhes prometer que iria voltar.

Até então, os gregos só identificavam “literatura” com poesia (épica, trágica, etc.). Górgias, um dos fundadores do elogio público – discurso epidíctico – cria uma prosa eloquente para esse fim, que multiplica as figuras que a tornam uma composição bastante erudita e ritmada e, por assim dizer, tão bela quanto a poesia. Por um lado, as suas figuras são de palavras: assonâncias, rimas, paronomásias, ritmo da frase; e, por outro lado, figuras de sentido e pensamento: metáforas, antíteses.

E em defesa da retórica, Górgias defendeu Helena, esposa de Menelau, que se deixou raptar por Paris. Os troianos, e os gregos para resgatá-la, lançaram-se em uma guerra a qual durou dez anos. Como ela poderia ser perdoada, se se deixou ser raptada? As possíveis causas do rapto seria: teria sido um decreto dos deuses: ou foi vencida pelo desejo, ou persuadida pelo discurso: E Górgias, então, defende o fato de ter sido obra da

força do discurso: “O discurso é um tirano poderosíssimo; esse elemento material de pequenez extrema e totalmente invisível alcança à plenitude as obras divinas: porque a palavra pode pôr fim ao medo, dissipar a tristeza, estimular a alegria, aumentar a piedade” (GÓRGIAS *apud* REBOUL, 1998, p. 5)

Mais tarde, é possível fazer um elo entre a sofística e a retórica, que só aparece plenamente em Protágoras (c. 486-410), um originário da Abdera, na Trácia, que ensinava eloquência e filosofia, sendo um mestre itinerante e ganhando grandes quantias. Foi, no entanto, mais engajado que Górgias. Quando chegou a Atenas, fez a seguinte profissão agnóstica: “Quanto aos deuses, não estou em condições de saber se existem ou se não existem, nem mesmo o que são”. (GÓRGIAS, *apud* REBOUL, 1998, p. 7). Isso fez com que ele fosse condenado à morte, porém livrou-se fugindo.

Assim, virou um autor enciclopédico. Foi o primeiro a se interessar pelo gênero dos substantivos e pelos termos verbais, além dos personagens de Homero. Foi também o fundador da dialética, antes chamada de erística. “Partindo do princípio de que a todo argumento pode-se opor outro, que qualquer assunto pode ser sustentado ou refutado, ele ensina a técnica erística, arte de vencer uma discussão contraditória (...)” (REBOUL, 1998, p. 7).

Pode-se, então, dizer que os sofistas criaram a retórica como arte do discurso persuasivo, que é objeto de um ensino global e se fundamentava em uma visão de mundo. Desta forma, é aos sofistas que a retórica deve os primeiros esboços de gramática, além da disposição do discurso, devendo também a ideia de que existe sempre um acordo entre os interlocutores – um acordo inicial, já que sem isso a discussão não poderia ser iniciada, e um acordo final, que resulta da discussão. A finalidade dessa retórica é dominar através da palavra, não encontrar o verdadeiro; ela está devotada ao poder, não ao saber. De certeza, os sofistas foram os primeiros pedagogos, porém excluem todo o saber, levando em conta somente o saber fazer a serviço do poder.

Entretanto, o ateniense Isócrates (436-338), “libertou” a retórica do domínio sofístico. Ele mostra que o ensino não é todo-poderoso, opondo-se aos sofistas. A seu ver, para ser orador, são necessárias três coisas: aptidões naturais, prática constante e ensino sistemático. Sendo assim, prática e ensino podem melhorar o orador, mas não criá-lo. Porém, Platão faz uma crítica a essa “liberdade”, pondo em dúvida se ela é, de fato, real.

Tempos depois, Aristóteles (384-322) vai pensar em uma retórica que, de início, integra-se em um sistema filosófico bem diferente daquele dos sofistas, e, depois, transformando-se em sistema.

O seu discurso, ao contrário do discurso sofístico, tem uma argumentação rigorosa. E, sendo mais rigorosa, dá uma ideia mais profunda e sólida da retórica. A começar por não apresentar o poder de dominar, mas sim o poder de defender-se, tornando-a legítima. Em conclusão, enquanto a defesa de Górgias e Isócrates consistia em fazer da retórica um instrumento neutro, valendo-se apenas pelo uso, Aristóteles, ainda que relativo, confere-lhe um valor positivo.

Desta forma, Aristóteles lança quatro argumentos, objetivando estabelecer esse valor, que tem como finalidade provar a tese colocada desde o início: “A retórica é útil.” Assim, espera-se dela o que se espera de todas as técnicas: um serviço; e isso será mostrado pelos quatro argumentos.

O primeiro argumento parece responder a uma objeção implícita: não é possível contentar-se com expor simplesmente o verdadeiro e o justo, sem recorrer a artifícios oratórios? Aristóteles leva em conta a objeção, dizendo: sim, o verdadeiro e o justo são por natureza (*physei*) mais fortes que seus contrários. (REBOUL, 1998, p. 25)

Havendo também o argumento pela experiência, pelo exemplo. Muitos dos tribunais são injustos; isso se justifica da seguinte forma: os litigantes não souberam fazer valer os seus direitos, não conseguindo tornar mais forte o argumento que era mais fraco, de fazer até o injusto prevalecer sobre o justo.

O terceiro argumento afirma que é necessário ser capaz tanto o contra, como também o pró, compreendendo o mecanismo da argumentação.

O último argumento, liga-se à retórica, à condição humana, à palavra, sendo característica do homem: é mais fácil vencer pela palavra que pela força física.

Com efeito, esses argumentos não valem apenas para o discurso judiciário, mas também para todos os outros tipos de discursos públicos. Vivemos sempre em uma situação polêmica, seja no campo do direito, da política, etc. em que a palavra é a arma mais eficaz, pois somente ela define o justo e o injusto. Desta forma, a retórica, a arte ou técnica da palavra, é indispensável; e é isso que a legitima.

1.3.1 Conceito de Retórica, Ethos, Pathos e Logos

Segundo Reboul (1998), na retórica, persuade-se pelo discurso. Toda produção verbal, escrita ou oral, que se constitui por uma frase ou uma sequência delas, apresentando uma certa unidade de sentido, é discurso. No discurso incoerente, de um bêbado, por exemplo, há vários discursos que são tomados por um só.

Nota-se, assim, que a retórica não se aplica a todos os tipos de discursos, mas somente àqueles que têm como objetivo persuadir ou que levam ao caminho da persuasão. A exemplo desses discursos, temos: o cartaz, o sermão, a petição, etc. Dessa forma, a retórica consiste no discurso que persuade, ou seja, leva alguém a crer em algo, porém se apenas leva a fazer, sem crer, não é retórica. A retórica é uma das “aplicações” da dialética, que para convencer faz utilização desta.

Desta maneira, a retórica está ligada à ação social, pois contribui para decisões graves, como condenar ou absolver alguém. De acordo com Aristóteles, ela é uma técnica útil. Se, por acaso, o seu uso for desonesto, não se deve pôr a culpa na técnica, mas sim em quem fez uso dela. A exemplo disso, temos a bíblia, que é bastante retórica. Ela sempre foi um problema, porque com todos esses recursos (cheia de metáforas e jogos de palavras) era (e é) difícil de ser compreendida. Assim, para interpretá-la é necessário utilizar todos os recursos da retórica. Ou seja, ela não tem, de forma alguma, apenas o sentido literal, mas sim outros sentidos. Entretanto, há pessoas que negam essas outras possíveis interpretações, por exemplo, alguns pastores de igrejas evangélicas, que, para poder manipular os seus fiéis, conseguindo mais dinheiro, interpretam a bíblia como lhes convém.

Ainda sobre a importância e o uso da retórica, Ferreira (2010) diz que “somos seres retóricos”, por nos valermos da retórica como um instrumento que revela as nossas impressões sobre o mundo, sobre os nossos sentimentos, as nossas aspirações, etc. É por meio da palavra que tentamos influenciar as pessoas, para guiar as suas ações. É através delas que também construímos e somos construídos socialmente. Usamos o discurso para explicar e, ao mesmo tempo, para tentar fazer com que o outro aceite e compactue com o nosso ponto de vista. O auditório aceita ou não a visão de realidade colocada pelo orador (ethos), verificando se a sua construção retórica é ou não interessante e justa para, assim, concordar ou discordar com o que foi exposto.

Um jornalista, por exemplo, ao enunciar, leva em conta, além de conjuntos de valores, limitações características de alguns gêneros textuais, assim, a interação entre o orador e o seu auditório é efetuada por meio da imagem que é feita um do outro.

É por isso que o orador procura mostrar uma boa imagem de si ao seu auditório, um conjunto de traços de caráter, o qual recebe o nome de ethos retórico. Esse ethos possui, ao menos, duas faces, sendo uma negativa que é referente à reserva do território pessoal (o corpo, a intimidade, pontos fortes ou fracos), outra positiva que se refere à fachada social. E, assim, pode haver uma confiança ou desconfiança que ganha

consistência à proporção que o movimento discursivo é desenvolvido. O auditório (pathos) julga o orador, utilizando alguns critérios: a imagem prévia que se tem desse orador e a autoridade institucional, por exemplo.

Desta forma, o orador deve encontrar argumentos para persuadir o seu público. Esses argumentos fazem parte da razão, sendo eles de dois tipos: os que estão inseridos no raciocínio silogístico (conexão de ideias) e os que se fundamentam no exemplo. O ethos, ou seja, o caráter que o orador assume para poder chamar a atenção e conseguir a confiança do auditório, está ligado à afetividade.

Aprofundando-se mais um pouco na questão do ethos, já sabemos que ele é a imagem que o orador constrói de si e de pessoas, grupos ou personagens no interior do seu discurso. Meyer traz uma visão mais moderna para que se entenda o ethos nas novas retóricas:

Não podemos mais identificar, pura e simplesmente o ethos ao orador: a dimensão do uso da palavra é estruturada de modo mais complexo. O ethos é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão –, mas isso não se limita àquele que fala pessoalmente ao auditório, nem mesmo a um autor que se esconde atrás de um texto e cuja “presença”, por esse motivo, afinal, pouco importa. O ethos se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão tratada sejam aceitas (MEYER, 2007, p. 35, *apud* FERREIRA, 2010, p. 90).

É neste sentido que o ethos do orador depende muito do seu auditório, isto é, esse orador discursa de acordo com o seu público. O seu ethos não será o mesmo se estiver falando com idosos e quando estiver discursando para adolescentes. Entretanto, ele sempre deve mostrar credibilidade, mostrar sensatez, sinceridade e simpatia. Ser sensato ao ponto de dar conselhos pertinentes. Ser sincero para não fingir o que não sabe. Simpático no sentido de estar disposto a ajudar o seu auditório. Assim, o ethos é o caráter moral que o orador precisa parecer ter, mesmo que não tenha realmente.

Por isso, para que o orador seja eficaz, é imprescindível que ele considere a natureza do seu auditório a quem está se dirigindo e conheça as contingências do contexto e do discurso (não há texto ou discurso sem contexto).

Outro ponto importante, também, é que a eficácia de um discurso depende da autoridade atribuída ao orador. Um professor universitário, por exemplo, vale-se, previamente, de uma imagem positiva de si, de um ethos institucional, que se sustenta na crença da existência de uma competente responsabilidade profissional e possui um *status*

reconhecido socialmente. Não é a mesma coisa ele realizar uma palestra a alunos do curso no qual leciona, e, de repente, chegar a uma praça pública e efetuar essa mesma palestra. No mínimo, esse segundo auditório não entenderia, provavelmente, quase nada ou nada, tachando-o, talvez, de louco.

Portanto, se o orador estiver de fato preocupado com o posicionamento do seu auditório, ele analisará antes a situação sobre a qual atuará, tendo em mente uma solução verossímil para algum problema que ocorrer por causa do seu discurso: despertar a fúria do seu auditório, por exemplo (caso não seja essa a intenção).

Desta maneira, o *ethos* e o *pathos* são indissociáveis. Enquanto o primeiro diz respeito ao orador - a imagem que ele passa através do seu discurso, o segundo se caracteriza como o conjunto de emoções e sentimentos causados pelo orador no seu auditório. Havendo ainda o *logos*, que se refere à argumentação propriamente dita.

A argumentação, para FERREIRA (2010) é um dos elementos da retórica, que possui dois: os argumentativos e os oratórios. Os argumentativos podem ser definidos como uma preposição que se destina a levar à admissão de uma outra. Por exemplo, o indício serve de argumento para um policial. Já os aspectos oratórios estão relacionados aos gestos do orador, à sua boa dicção, etc. Esses dois elementos somados levam a um maior poder de persuasão.

Para persuadir, o orador utiliza argumentos que são dirigidos a alguém ou a um grupo, ou seja, seu auditório, que é sempre diferente de outro, diferenciando-se pela competência, crenças e emoções, havendo sempre um ponto de vista. Mas, embora o orador saiba que o seu auditório é particular, ele faz um discurso que tenta superá-lo, indo a outros auditórios possíveis, pois se valerá do seu poder de persuadir o outro, utilizando-se dos elementos argumentativos e oratórios. Ainda sobre persuasão, de acordo com Aristóteles (s/d *apud* FERREIRA, 2010, p. 20), “Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança.”

Ainda no que diz respeito a essa relação entre orador e auditório, faz-se necessário saber que o orador atribui ao auditório algumas funções: atuar como juízes – analisar uma causa passada, ponderando sobre o (in)justo e o (i)legal, considerando a ética envolvida; atuar como assembleia – refletir sobre o útil, o conveniente e sobre o prejudicial, numa causa que aponta para o futuro; atuar como espectadores – analisam a capacidade do orador quando louvam ou censuram alguém, e depois se concordam ou discordam.

Também sobre o que se refere ao orador, mais precisamente ao discurso propriamente dito, é relevante colocar que os discursos formam outros discursos, completando ou se opondo àqueles que vieram antes ou tornando-se referências para os discursos posteriores.

É importante salientar que não há texto sem contexto, ou seja, ele é construído a partir de certos eventos que envolvem pessoas, fatos, discursos, etc. Por isso, de acordo com Ferreira (2010), para um texto ser interpretado, é necessário observar o contexto retórico, para que se interroge o próprio texto. E para que se reconheça o orador, são feitas algumas perguntas; algumas delas têm a finalidade de entender a natureza do seu auditório, e há as que interrogam o próprio discurso: o que fala? A quem fala? Quando fala? Por que fala? Como fala?

Entretanto, é essencial dar uma atenção especial à pergunta “Quando fala?”, para que não se desvie da interpretação, porque os sentidos são modificados de acordo com o tempo dos acontecimentos que vêm antes ou depois do evento em questão.

Há também os lugares retóricos, que de acordo com Ferreira (2010, p. 69), “são grandes armazéns de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório”, porém sempre tendo um objetivo de persuadir. Os lugares foram simplificados em duas grandes divisões: os da quantidade e os da qualidade. “Encontramos o lugar da quantidade quando se afirma que uma coisa é melhor que a outra por motivos quantitativos” (FERREIRA, 2010, p. 70), e o lugar da qualidade, que “consiste na afirmação de que algo se impõe sobre os demais de sua espécie por ter mais qualidade, porque é único, raro, original” (FERREIRA, 2010, p. 71).

Os precursores da retórica, embora afirmem que todos os lugares sejam reduzidos ao de quantidade e qualidade, consagram também que há os lugares de ordem, do existente, da essência e da pessoa. O lugar de ordem vê a superioridade do anterior sobre o posterior, por exemplo, “estudou no melhor curso pré vestibular, por isso foi aprovado no concurso.” “O lugar do existente afirma a superioridade do que existe, do que é atual, real, sobre o possível, eventual ou impossível” (FERREIRA, 2010, p.74). O lugar de essência afirma a superioridade dos seres que melhor representam a sua classe, que servem de modelo. E o lugar da pessoa, que ressalta a dignidade a coragem, o senso de justiça de uma pessoa.

Mas, ultimamente, com o objetivo de persuadir nas propagandas, há novos lugares que se adicionaram aos que foram definidos por Aristóteles. Sendo eles: lugar da juventude, lugar da beleza, lugar da sedução, lugar da saúde, lugar do prazer, lugar do

status, lugar da diferença, tradição, lugar da modernidade, lugar da autenticidade, lugar da qualidade/preço.

Quando o publicitário coloca uma atriz maravilhosamente bela para vender um produto para o cabelo, busca a persuasão pelo lugar da beleza. Quando vende cremes que parecem ser capazes de transformar maracujá em pêssego, tal a capacidade para rejuvenescer a pele, explora o lugar da juventude. Quando quer requintar um produto, associa o lugar da elegância com o do status e promove marcas até de produtos poucos saudáveis. (FERREIRA, 2010, p. 77)

Ainda quanto a essa relação ethos/pathos/logos, fica evidente que todos os discursos revelam o ethos do orador. Como é o caso do “discurso autoritário, (que vem de leis, dogmas, os livros científicos que regem a vida em sociedade, as crenças, os valores) e esse discurso já vem assegurado no plano persuasivo.” (FERREIRA, 2010)

Valem-se desse discurso todos os profissionais com curso superior (reconhecidos pelas universidades), o bispo (autorizado pela Igreja), o político (autorizado pelo Senado, pela câmara dos deputados), o gerente (autorizado pela empresa), etc. Por extensão, o discurso autorizado é recurso empregado por aqueles considerados “bem-sucedidos”, de acordo com os valores de determinada sociedade. (FERREIRA, 2010, p. 96.)

Já o discurso servil é hierárquico: manda quem tem poder e, quem não tem, apenas obedece. Enquanto o discurso polêmico é quando há uma discordância entre duas pessoas ou grupos (discursos). A exemplo, temos o discurso feminista, que é um discurso polêmico em relação ao machista, já que vai contra este. Mas, é o discurso autoritário que gera o discurso dominante, esse discurso molda o viver em sociedade, por exemplo, ele diz que o casamento deve ser apenas entre um homem e uma mulher, e não entre pessoas do mesmo sexo. Como já afirmamos, quando o auditório vai contra o discurso dominante, surge o discurso instituinte, que é fundamental, pois essa discussão modela conceitos sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado, etc.

1.3.2 Estereotipagem e Construção de uma imagem de si

A noção de estereótipo desempenha um papel essencial para estabelecer o ethos. De fato, a ideia prévia que é feita do locutor e a imagem de si que é construída por ele em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Assim, é necessário que seja uma representação partilhada, para ser reconhecida pelo auditório e para que pareçam legítimas.

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, em um esquema coletivo cristalizado (AMOSSY, 2005, p. 125). Desta maneira, a comunidade tem uma avaliação e uma percepção do indivíduo de acordo com um modelo que é pré-construído. Em se tratando de uma figura pública, ficará conhecida por uma imagem (pública) forjada, já que chamará atenção por se tratar de uma personalidade conhecida.

Do ponto de vista argumentativo, o estereótipo permite a designação dos modos de raciocínio próprios a uma comunidade e os conteúdos globais de um determinado setor. Quanto ao locutor, ele faz uma concepção, correta ou errada, de seu auditório, que o guia a esforçar-se a uma adaptação a este. O orador, assim, adapta a apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e, também, valorizados por seu público-alvo. É relevante saber, ainda, que o discurso oferece a esse orador todos os elementos dos quais ele têm necessidade para que componha um retrato do locutor, entretanto esses componentes são apresentados de maneira indireta, dispersa, lacunar ou implícita. Tendo em vista isso, o conjunto de características que se relaciona ao orador e a circunstância na qual esses atributos são manifestados permitem construir a imagem de si.

Embora a noção de *ethos* pertença à tradição retórica, na análise do discurso – que muitas vezes possui os mesmos *corpora* – ganha interesses distintos.

Não somente na persuasão por argumentos, mas a noção de *ethos* permite uma reflexão sobre o processo de forma mais geral da adesão de sujeitos a um certo posicionamento discursivo. Acerca disso, Amossy retoma as palavras de Barthes, dizendo: “São traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando a sua sinceridade) para causar boa impressão [...] O orador enuncia uma informação, e, ao mesmo tempo, ele diz: eu sou isto, eu não sou aquilo”. (BARTHES, 1966, p. 212 *apud* AMOSSY, 2005, p. 70)

1.4 Preconceito, estereótipo e discriminação

Sob a ótica da Psicologia Social, ou seja, “o estudo científico da influência recíproca entre as pessoas (interação social) e do processo cognitivo gerado por essa interação (pensamento social)” (RODRIGUES, 2009, p. 13), é possível explicar os comportamentos humanos, enquanto seres sociais. Entre esses inúmeros comportamentos, está o preconceito, o estereótipo e a discriminação – explicados a seguir.

No contato social com tudo o que nos rodeia, produzimos ideias sobre coisas, demais pessoas e, também, de nós mesmos, ou seja, autoconceitos. Tendo como referência essas representações de nós próprios, tendemos a recusar (discriminar) aquilo que não faz parte dessa autoimagem e a reforçar o que, de alguma forma, foi-nos passado que era certo e/ou errado. É assim que, muitas vezes, fazemos um pré-julgamento e “criamos” pessoas e comunidades - por exemplo, quando dizemos, mesmo sem conhecer, que alguém é mau caráter. “Na base do preconceito estão as crenças sobre características sociais que atribuímos a pessoas ou grupos, chamadas de estereótipos.” (RODRIGUES, 2009, p. 137). Há vários tipos de estereótipos, entre eles, o estereótipo de gênero: “Quando um homem comete uma asneira, dizem: ‘Como ele é idiota!’ Quando uma mulher a comete, dizem: ‘Como as mulheres são idiotas!’” (*idem*, p. 144).

A partir das primeiras impressões que temos sobre alguém, temos pressa em antecipar conceitos sobre a sua personalidade e, com base nesses pensamentos, aceitaremos ou rejeitaremos esse outro. No caso de haver uma rejeição, estamos lidando com discriminação, isto é, manifestação através de um dado comportamento, tendo como objetivo a exclusão de alguém ou algo. Quando sentimentos hostis somam-se a crenças estereotipadas, pode ocorrer desde um tratamento diferenciado a expressões verbais de desprezo e até a agressividade (verbal e/ou física).

Amossy (2005) chama a atenção para as representações sociais que emergem do discurso, de maneira mais ou menos implícita que correm no interior do conjunto fluido e indeterminado do “já conhecido”, do “já-dito”, do familiar e do partilhado.

É possível notar que, tanto o estereótipo quanto o ethos prévio, são construções pré-estabelecidas, portanto possuem uma semelhança. Os ouvintes atribuem uma grande relevância à primeira impressão, sendo, assim, bem difícil de “corrigi-la”, para criar uma outra que seja mais favorável. O ethos prévio, também chamado de pré-discursivo, vai condicionar a construção do ethos discursivo e demanda a reelaboração dos estereótipos desfavoráveis, os quais podem diminuir a eficácia dos argumentos.

Sabendo que tanto o estereótipo quanto o ethos prévio são construções pré-estabelecidas, partiremos para a nossa análise retórica, na qual veremos o ethos machista e feminista no cordel *A mulher que não queria ser mãe*, de Jarid Arraes, no qual os *ethé* discursivos do homem e da mulher são condicionados pelos *ethé* pré-discursivos que lhe são conferidos pela sociedade.

2. Análise: o ethos machista e o ethos feminista no cordel

A autora Jarid Arraes constrói um ethos machista da sociedade e um ethos seu, enquanto autora-mulher, feminista. O seu cordel “A mulher que não queria ser mãe”, possui um discurso feminista, que vai contra o (discurso) machista, criando o discurso polêmico, ou seja, há uma discordância entre aqueles dois discursos, o feminista e o machista. É possível, em uma análise retórica dessa obra, observar o quanto a nossa sociedade, ainda, é machista, em pleno século XXI, tendo uma cultura na qual a mulher é vista como inferior ao homem.

Na primeira estrofe, o primeiro verso do cordel diz o nome do eu lírico: / Sheila era o nome dela/. Notamos, que, Sheila representa todas as mulheres, inseridas numa sociedade machista. Logo em seguida, no segundo verso, é dito a sua idade: / Trinta anos já contava/; no qual a utilização do “já” é para mostrar como, para a sociedade tradicional, ela já era velha para ainda não ter filhos. Depois, no terceiro e quarto versos: /Trabalha com afinco/ Muito ela se dedicava/; é utilizada uma figura de presença= afinco, dedicava (dedicação), que são praticamente sinônimos, por isso, de presença. Mas, “afinco” também não é uma palavra muito popular, então pode ser, ainda, uma figura de escolha.

As figuras de presença e de escolha, junto com as figuras de comunhão, compõem a tipologia de figuras de argumentação e retórica. Para Ferreira (2010, p. 123), retomando a tipologia de Olbrechts- Tyteca, as figuras pretendem, claro, por se tratar de retórica, atingir o efeito persuasivo. As figuras de presença fazem uso da repetição, dentre outras estratégias, para que o auditório não se esqueça do objeto do discurso do orador; enquanto as de escolha, para serem entendidas, é necessário saber que cada auditório possui valores admitidos, que vão influenciar na hora do acordo (auditório/orador), assim, para o orador, esses valores servem de referência para fazer a escolha dos argumentos, da estrutura sintática, da tipologia textual, do dialeto, etc; por fim, as figuras de comunhão buscam estabelecer uma relação de afinidade, simpatia, comunhão entre orador e auditório, para que este último seja persuadido pela emoção.

No quinto verso: /Pois a sua profissão/ podemos destacar uma figura de presença, em relação ao terceiro verso, já colocado aqui, com o verbo “trabalha”, que se associa a “trabalho”. Já nos últimos dois versos dessa estrofe, seis e sete, vemos também a figura de presença: / Era a mais pura paixão/; /Que amar ela adorava/: (paixão, amar, adorar), as quais deixa evidente que Sheila possuía um grande amor pela sua profissão.

A segunda estrofe destaca a relação de Sheila com o seu esposo, com a utilização de mais figuras de presença, que remetem a um bom casamento, no qual há respeito, parceria, etc.: /Seu marido era incrível/; /Companheiro e carinhoso/; /Na rotina conviviam/; /De um modo harmonioso/; /O respeito ali presente/; /Era sempre recorrente/; /Era bem maravilhoso/. Figura de presença= companheiro, carinhoso, harmonioso, maravilhoso.

As estrofes que se seguem, terceira e quarta, fazem a utilização também de mais figuras de presença, na repetição de palavras que mostram a felicidade dela: energia, alegria, não reclamava, satisfeita. Esses sentimentos de plenitude dela mostram que ela não queria e nem precisava de um filho pra ser feliz (na verdade, o casal não queria). Era sua escolha. Tais palavras vão ser opostas às usadas pela sociedade para o fato: (isso era um problema, incômodo...) A sociedade iria perturbar Sheila e seu marido, impondo que eles deveriam ter um filho, na verdade, que ela deveria ser mãe, como se a mulher não pudesse escolher se quer a maternidade para si ou não, enquanto para o seu esposo, o peso era menor, por ser homem. /Sempre junto do parceiro/; /Sheila amava viajar/; /Conhecer o mundo todo/; /Da montanha até o mar/; /Era intensa a energia/; /Era imensa a alegria/; /Ao planeta desbravar/ ... /Sheila era uma mulher/; /Como se pode notar/; /Plenamente satisfeita/; /Sem de nada reclamar/; /Mas só tinha um problema/; /Um incômodo dilema/; /Sempre a Sheila perturbar/.

A quinta estrofe deixa evidente que a mulher, nessa sociedade tradicional e patriarcal, sempre foi vista como uma fêmea, servindo apenas para engravidar. Percebemos que, se as famílias de ambos, impunham que ela deveria ser mãe, é porque estão inseridas nessa mesma cultura que vê a mulher como uma procriadora. Essa imposição é evidenciada também pelas figuras de presença (pressionava e pressão), que deixam claro que as famílias forçavam com que Sheila engravidasse: /A família dos pombinhos/; /Na chatice a incomodar/; /Com frequência pressionava/; Para Sheila engravidar/; /Todo dia era a pressão/; /Irritante sem noção/; E difícil de aguentar/.

A sexta e sétima estrofes também evidenciam essa falta de desejo pela maternidade, por parte de Sheila, e, ainda, essa insistência que a família possuía em ela ser mãe. São utilizadas, para isso, mais figuras de presença, dando evidências tanto do não desejo dela por ser mãe, /Pois não tinha vocação/... /Não queria ter criança/... /Não queria engravidar /..., quanto da teimosia da família, /Da família que amolava/... /Mas ninguém compreendia/; /Muito menos respeitava/; /Sheila era importunada/.

Na oitava e nova estrofes, mais figuras de presença deixam em evidência, a insistência e questionamentos da família acerca dela não ser mãe: /Era sempre a mesma coisa/; /Sempre a mesma discussão/. Figuras essas que são utilizadas também para destacar o fato de Sheila sempre estar explicando que não queria a maternidade: /Com muita argumentação/; /Tentando ela a explicar/. E, ainda, para evidenciar que não é dinheiro um problema que a impede de ser mãe, mas que ela queria outras coisas, não ter uma criança: /Mas dinheiro não faltava/; /Isso tinha era um montão/; /Seu trabalho era seguro/; /Com vislumbre de futuro/; /Pra ganhar a promoção/.

A décima e décima primeira estrofes dão ênfase ao fato de Sheila não ter nenhum problema de saúde para engravidar e que, somente, era uma escolha mesmo não querer ser mãe. Para isso, utiliza-se a figura de presença: /Mas estava (tudo bem)/; / Se quisesse um neném/; /(Poderia então gerar)/. Ainda são utilizadas figuras de presença para mostrar o desespero que as famílias tinham, não preocupados, de fato, com a sua saúde, mas porque queriam a todo custo que ela engravidasse: /Perguntando sem parar/... /Sua sogra na agonia/; /Se jogava pra chorar/. Para destacar também que ela não queria ser mãe, há algumas outras figuras de presença: /Mas a Sheila rejeitava/; /Da ideia não gostava/; /Sem indicio de mudar/.

A décima segunda e décima terceira estrofes enfatiza que o seu marido havia compreendido que existiam outras coisas mais importantes que ser pai. Isso é notado com o uso das figuras de presença: ... /(Não ficava aperreado)/; /Pois já tinha (aprendido)/; /Tinha enfim (compreendido)/. Outras figuras de presença deixam claro essa relevância que eles veem em outras coisas, não na maternidade e paternidade: /Tudo aquilo que viviam/; /Era lindo e importante/; /Para eles muita coisa/; /Era mais interessante/. As figuras de presença que deixam evidente que eles tinham coisas melhores a fazer, que ser pais, são: “lindo”, “importante”, “mais interessante”. Porém, a sociedade continua a insistir que eles precisavam ter um(a) filho(a), mesmo sendo uma escolha de ambos: /Pois a tal maternidade/; /E essa tal paternidade/; /Não lhes era relevante/.

Nas duas estrofes seguintes, décima quarta e décima quinta, podemos ver figuras de presença que demonstram que Sheila não detestava crianças, somente não queria ter um filho(a): /Sheila até se divertia/; /E brincava com criança/= (se divertia, brincava). Notamos, ainda, que, por conta da sua idade, 30 anos, as cobranças aumentavam: /Mas agora aos 30 anos/; /As famílias pioravam/. Nos versos que se seguem, é possível perceber que essa intromissão não parava, pelo contrário, crescia: /Sem fazer a cerimônia/; Se

metiam, se enfiavam/; /Invadindo seu espaço/; /Dominando seu pedaço/. Nestes versos, vemos figuras de presença que evidenciam essa interferência da família, a qual, como já foi dito, representa a sociedade patriarcal e machista na qual vivemos: (sem cerimônia, se metiam, se enfiavam, invadindo seu espaço, dominando seu pedaço).

As outras duas estrofes, décima sexta e décima sétima mostram que Sheila já estava cansada de tanto intrometimento por parte dos familiares dela e do seu esposo e, por isso, resolveu expor, de uma vez por todas, que não desejava ser mãe, assim como seu marido também não queria ser pai. Para isso, foram usadas mais figuras de presença: /Sheila fez um ultimato/; /Convocou a parentela/. (Ultimato, convocou). Vemos, ainda, a utilização de antônimos, destacando a quebra de expectativa por parte da família, quando ela anunciou que, definitivamente, não queria ser mãe: /Todo mundo se animou/; ... /Mas foi a decepção/ (se animou, decepção).

As estrofes seguintes, décima oitava e décima nona, trazem mais a decepção dos familiares ao saber que ela não ia ser mãe, simplesmente, por não querer. Essas estrofes, ainda, possuem figuras de presença, mostrando que Sheila foi decisiva no que disse: /E se pôs logo a falar/; ... /Dominou o seu momento/; /Sem parar de explicar/; /Disse Sheila assertiva/. (a falar, dominou, sem parar de explicar, disse assertiva). Usando outras figuras de presença, como também figuras de escolha, que demonstram que não queria a maternidade: /Eu não quero ter criança/; /Eu não quero engravidar/. (eu não quero= figura de escolha, repete-se como ênfase, destacando o fato dela não querer ser mãe. (Ter criança, engravidar) = figura de presença).

A vigésima e vigésima primeira estrofes salientam esse machismo da nossa sociedade tradicional e patriarcal, que obriga a mulher a casar, ser mãe, entre outros absurdos, uma vez que, tentar impor que a mulher, ou alguém seja algo, é anacrônico e cruel. Para isso, utiliza-se das figuras de presença (escolher e opção): /Porque eu posso escolher/; ... /E eu possuo essa opção/. Mais figuras de presença são usadas para colocar que a mulher não tem informação, acaba tendo filho, mesmo sem querer ser mãe, por conta da pressão da sociedade e, que, arca com as consequências por isso. /Que a mulher desinformada/; Que é pobre e desamparada/ (desinformada, desamparada).

Nas outras duas estrofes, vigésima segunda e vigésima terceira, são questionadas essas imposições feitas às mulheres. Figuras de presença demonstram essa imposição, no cordel, por parte dos familiares, porém, como estão inseridos em uma sociedade machista, é um reflexo dessa: /Vocês ficam importunando/; /Só porque tão pressionando/; (importunando, pressionando). Quando é utilizado um “eu”, é revelada a identidade do

orador (mulher, empoderada). Quando diz: /Eu não tenho obrigação / De acabar engravidando/, percebemos que há uma imposição, /na nossa sociedade/, machista, tradicional e conservadora, pois se o orador diz isso, é porque há uma ‘obrigação’ colocada por essa cultura, de que a mulher teria um determinado lugar, que seria diferente do lugar do homem. À mulher, caberia os trabalhos domésticos, cuidar dos filhos e obedecer; ao homem, trabalhar fora e mandar.

Na vigésima quarta estrofe, vemos um contra-discurso, um discurso feminista que vai contra todas as imposições colocadas pela sociedade machista (discurso machista). /Pois eu digo que rejeito/ – eu = orador - mulher, cordelista, defensora da liberdade das mulheres fazerem o que quiserem das suas vidas, sendo elas (essas mulheres) o seu auditório. /O meu corpo me pertence/ - percebemos que o orador deixa claro que, se o corpo é seu, fará com ele o que quiser, não pretendendo obedecer aos machistas, conservadores e defensores da família tradicional brasileira (heterossexuais = pai, mãe, filhos). Ao orador, pertence também, a decisão de querer ou não engravidar.

A vigésima quinta estrofe traz mais figuras de presença, que deixam claro que Sheila foi decisiva no que disse, deixando a família sem reação: /A família ficou muda;/ /Ninguém disse nem um “piu” /; /Um silêncio tão profundo/ (muda, nem “piu”, silêncio).

Na estrofe que se segue, vigésima sexta, vemos que Sheila satisfeita, pois ganhou a tão sonhada promoção no trabalho. São usadas outras figuras de presença, que demonstram essa felicidade por conta da conquista no emprego: /E o sucesso imaginado;/ /Sheila enfim foi promovida;/ ... /Pelo que foi conquistado/ (sucesso, promoção, conquista).

A penúltima estrofe, vigésima sétima, utiliza figuras de presença para mostrar a felicidade de Sheila em, enfim, poder viajar, conhecer outros lugares, fazer o que queria, não ser mãe, já que não era um desejo nem seu, nem do seu marido: /Com viagem já marcada/. /Sheila estava bem feliz;/ /Pois enfim conheceria;/ Um lugar que sempre quis/ (viagem, conheceria, lugar). Mais figuras de presença demonstram o quanto ela estava realizada, no trabalho e no casamento: /No amor realizada;/ /Sheila era abençoada;/ /Do seu reino imperatriz/ (realizada, abençoada, imperatriz).

A vigésima oitava, e última estrofe, deixa evidente o discurso feminista, que luta a favor do direito de escolha da mulher, de querer casar ou não, ser mãe ou não, etc. Algumas figuras de presença enfatizam essa luta: /Gravidez é muito bom;/ /Para quem a desejar;/ /Mas se isso não quiser;/ /Que ninguém vá perturbar;/ /Escolher é um direito;/ /Optar é um preceito;/ /Que devemos respeitar/ (desejar, quiser, escolher, optar).

Vemos, assim, que a defesa do discurso feminista, do poder de decisão da mulher em relação ao seu corpo e à sua vida, é feita pela cordelista principalmente por meio da figura de presença, para que fique claro para o leitor, para as famílias e para a sociedade que Sheila não quer engravidar e não precisa engravidar só por que a sociedade acha que ela deve. Essa estratégia utiliza-se principalmente, no caso deste texto, de sinônimos, que reforçam a postura decisiva da autora.

O discurso machista da sociedade, por sua vez, também é retratado por meio das figuras de presença, para mostrar que essa sociedade diz sempre a mesma coisa. Podemos inferir, ainda, que esse discurso machista baseia-se em falácias populares como “uma família só é completa se o casal tiver filhos”, “mulher nasceu pra ser mãe” etc. , pois, se Sheila e seu marido não querem ter filhos e ela, como mulher, não quer ter filhos, é sinal de que essas “verdades” não servem para todos/as.

Em Ferreira (2010, p. 120) as falácias são definidas como “erros de raciocínio”, e podem levar a generalizações e à perpetuação de valores tradicionais, assim como os estereótipos, definidos por nós na fundamentação teórica. No caso deste texto, a oradora constrói os *ethé* da mulher e do casal que fogem aos estereótipos de mulher, homem e casal predominantes na sociedade, e são felizes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo o material utilizado como base teórica e analisado, pudemos perceber que através da retórica é possível compreender melhor as narrativas cordelistas, podendo notar que, se um determinado texto traz uma imagem discursiva estereotipada, e um ethos machista, preconceituoso e discriminativo, é porque, muitas vezes, tanto o orador quanto a sociedade compactuam desse pensamento, uma vez que os textos literários e não-literários trazem imagens discursivas que são construídas pelos oradores e pela sociedade, essa imagem não está ali à toa, ela é um reflexo de como essa sociedade pensa e age.

No cordel em questão, *A mulher que não queira ser mãe*, vemos que a defesa do discurso feminista, do poder de decisão da mulher em relação ao seu corpo e à sua vida, é feita pela cordelista principalmente por meio da figura de presença, para que fique claro para o leitor, para as famílias e para a sociedade que Sheila não quer engravidar e não precisa engravidar em razão de uma imposição da sociedade. Essa estratégia aparece no texto principalmente por meio do uso de sinônimos.

O discurso machista da sociedade, por sua vez, também é retratado por meio das figuras de presença, para mostrar que essa sociedade diz sempre a mesma coisa, usa sempre o mesmo discurso tradicional, muitas vezes baseado em falácias populares como “uma família só é completa se o casal tiver filhos”, “mulher nasceu pra ser mãe”, etc.

Deste modo, consideramos que o cordel analisado, assim como outros da mesma autora, colaboram para a desconstrução de papéis sociais pré-definidos e para a visibilidade da mulher e de sua liberdade de escolha numa sociedade ainda machista.

Embora não tenha sido nosso foco neste trabalho, para finalizar, podemos ainda vislumbrar/sugerir a possibilidade de se estudar o gênero literário cordel na sala de aula para discutir questões de gênero e identidade, uma vez que, como já foi salientado, a nossa sociedade é machista, e, se essas questões não forem discutidas, irá se perpetuar esse tipo de comportamento.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011. [séc. IV a.C].

ARRAES, Jarid. **A Mulher Que Não Queria Ser Mãe**, (s/d).

BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline. **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010**. Rio de Janeiro: CEPIA, 2011.

BOURDIEU, Pierre, 1930 – 2002. **A Dominação Masculina** / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helenac Kuhner. – 9ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

Brasil 247. Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/parana247/250836/Gleisi-Dilma-sofre-processo-de-impeachment- apenas-por-ser-mulher.htm> Acesso em: 05 de Jan. de 2017

Dicio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/machismo/>

Estadão Política. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,impeachment-e-aprovado-no-senado-e-dilma-e-cassada,10000073183> Acesso em: 05 de Jan. de 2017

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e Persuasão: princípios de análises retóricas** / Luiz Antonio Feereira. – São Paulo: Contexto, 2010.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições Adaga, 2012.

MONTEIRO, Manoel. **A Mulher de Antigamente e a Mulher de Hoje em Dia**, (s/d).

Nações Unidas. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-feminicidios-brasil-quito-maior-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>

ONU Mulheres. Disponível em: http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf

Politize. Disponível em: <http://www.politize.com.br/crime-de-responsabilidade-dilma-argumentos/> Acesso em: 05 de Jan. de 2017

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Revista Forum. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/2015/12/08/cordel-mulher-que-nao-queria-ser-mae/>

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, E.L.; JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas**: literatura de folhetos do nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global Ed., 1983.

TREPICCIO, Thatyane. **Preconceito e Retórica – o feminismo na música popular**. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14601/1/Thatyane%20Trepiccio.pdf>. Acesso em 02 nov. 2016.

Uai. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/01/25/noticias-saude,200815/machismo-sobrevive-no-homem-esfacelado-do-seculo-xxi.shtml>

**ANEXO - CORDEL “A MULHER QUE NÃO QUERIA SER MÃE, DE JARID
ARRAES**

Sheila era o nome dela
Trinta anos já contava
Trabalhava com afinco
Muito ela se dedicava
Pois a sua profissão
Era a mais pura paixão
Que amar ela adorava.

Seu marido era incrível
Companheiro e carinhoso
Na rotina conviviam
De um modo harmonioso
O respeito ali presente
Era sempre recorrente
Era bem maravilhoso.
Sempre junto do parceiro
Sheila amava viajar
Conhecer o mundo todo
Da montanha até o mar
Era intensa a energia
Era imensa a alegria
Ao planeta desbravar.

Sheila era uma mulher
Como se pode notar
Plenamente satisfeita
Sem de nada reclamar
Mas só tinha um problema

Um incômodo dilema
Sempre a Sheila perturbar

A família dos pombinhos
Na chatice a incomodar
Com frequência pressionava
Para Sheila engravidar

Todo dia era a pressão
Irritante sem noção
E difícil de aguentar.

Sheila já tinha explicado
Que ser mãe não desejava
Pois não tinha vocação
Nem talento ela encontrava
Não queria ter criança
Que acabasse a esperança
Da família que amolava.

Mas ninguém compreendia
Muito menos respeitava
Sheila era importunada
Se mordida e se irritava
Não queria engravidar
O que custa respeitar
Ela sempre questionava.

Era sempre a mesma coisa
Sempre a mesma discussão
Sheila logo se aprontava
Com muita argumentação
Tentando ela a explicar
Pra família se acalmar
Mas não tinha solução.

Sua mãe lhe perguntava
Se dinheiro era a questão

Mas dinheiro não faltava
Isso tinha era um montão
Seu trabalho era seguro
Com vislumbre de futuro
Pra ganhar a promoção.

O seu pai se preocupava
Perguntando sem parar
Se saúde era o dilema
Para Sheila engravidar
Mas estava tudo bem
Se quisesse um neném
Poderia então gerar.

Sua sogra na agonia
Se jogava pra chorar
Já que muito desejava
Um netinho pra mimar
Mas a Sheila rejeitava
Da ideia não gostava
Sem indicio de mudar.

Mas o marido de Sheila
Era muito descansado
Respeitava sua escolha
Não ficava aperreado
Pois já tinha aprendido
Tinha enfim compreendido
E ficava então calado.

Tudo aquilo que viviam
Era lindo e importante
Para eles muita coisa
Era mais interessante
Pois a tal maternidade
E essa tal paternidade
Não lhes era relevante.

Sheila até se divertia
E brincava com criança
Mas que isso não gerasse
Nenhuma falsa esperança
Só gostava de brincar
De um tempo dedicar
Sem de mente ter mudança.

Mas agora aos 30 anos
As famílias pioravam
Sem fazer a cerimônia
Se metiam, se enfiavam
Invadindo seu espaço
Dominando seu pedaço
Eles só lhe irritavam.

Sheila fez um ultimato
Convocou a parentela
Prum jantar organizado
Com comida na panela
Todo mundo se animou
E enfim logo pensou
Que acabava-se a querela.
Todos foram já pensando
Que Sheila anunciaria
A sonhada gravidez
Que muito se insistia
Mas foi a decepção
A mais forte emoção
De quem tudo ali ouvia.

Sheila logo levantou
E se pôs logo a falar
Que aquela situação
Não podia se esticar
Com força de pensamento
Dominou o seu momento
Sem parar de explicar.

Disse Sheila assertiva:
Parem de me pressionar
Eu não quero ter criança
Eu não quero engravidar
Essa é minha decisão
Se incomodar ou não
Passem a se conformar.

Sheila então continuou:
Porque eu posso escolher
Tenho sorte e privilégio
E vocês precisam ver
Que a mulher desinformada
Que é pobre e desamparada
Está jogada pra sofrer.

Peço que fiquem felizes
Porque eu sou exceção
Sou a dona da minha vida
E eu possuo essa opção
Não insistam na chantagem
Parem essa fuleragem
De me impor resolução.

Eu não tenho obrigação
De acabar engravidando
Só porque eu sou mulher
Vocês ficam importunando
Pois eu tenho mais função
Do que ter a gestação
Só porque tão pressionando.

Na nossa sociedade
Querem sempre ensinar
Que mulher tem um lugar
Onde deve se portar
Com um jeito submisso

Sem querer nada além disso
E sem nada questionar.

Pois eu digo que rejeito
Esta vil imposição
O meu corpo me pertence
Assim como a decisão
De jamais engravidar
Por assim eu desejar
Acabou-se a discussão.

A família ficou muda
Ninguém disse nem um “piu”
Um silêncio tão profundo
Sheila mesmo nunca viu
Mas ficou bem satisfeita
Com o sucesso da receita
Bem melhor do que previu.

Noutro dia foi trabalho
E o sucesso imaginado
Sheila enfim foi promovida
Seu salário aumentado
Teve a comemoração
Com toda a repartição
Pelo que foi conquistado.

Com viagem já marcada
Sheila estava bem feliz
Pois enfim conheceria
Um lugar que sempre quis
No amor realizada
Sheila era abençoada
Do seu reino imperatriz.

Gravidez é muito bom
Para quem a desejar
Mas se isso não quiser

Que ninguém vá perturbar
Escolher é um direito
Optar é um preceito
Que devemos respeitar.